

CIRANDAS DO IMAGINÁRIO: MOVIMENTANDO DIFERENTES TEMÁTICAS NA UNIVERSIDADE

CIRANDAS THE IMAGINARY: MOVING IN DIFFERENT THEMES UNIVERSITY



Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013

p. 357-368

Ionice da Silva Debus¹

(Universidade Federal de Santa Maria)

Valeska Fortes de Oliveira²

(Universidade Federal de Santa Maria)

RESUMO: Este texto traz um projeto de extensão que tem como referência os estudos e pesquisas realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS, constituído institucionalmente em 1993, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, com o intuito de agregar mestrands e alunos de iniciação científica, em torno dos estudos do Imaginário Social, através da socialização das pesquisas realizadas no âmbito da Educação e de outros pesquisadores, atuantes em outras áreas, que se utilizam deste referencial. Nessa perspectiva elegemos uma outra configuração de encontro: a Ciranda, definida como Roda, como *“cantiga e dança infantil, de roda”* (Michaelis, 2008). Neste sentido, buscamos trazer ao ambiente acadêmico os prazeres da dança e da cantiga infantil nas discussões do Imaginário, uma vez que *“o Imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente.”* (SILVA, 2006, p. 9). Assim, a cada Ciranda são discutidos temas que perpassam as questões acadêmicas e não encontram lugar na sala de aula, bem como a socialização de pesquisas com aporte teórico do Imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário, Formação docente, Significações imaginárias.

ABSTRACT: This text provides an extension project which has reference to the studies and research carried out in the Group of Studies and Research in Education and Social Imaginary - GEPEIS , institutionally constituted in 1993 , under the Graduate Program in Education , Federal University of Santa Maria , with the intention of adding masters and undergraduate students , studies around the Social Imaginary , through the socialization of research conducted under the Education and other researchers working in other areas that use this reference . In this perspective we elect another setting meeting: Ciranda , defined as Wheel , as *“ childish song and dance , wheel ”* (Michaelis , 2008) . In this sense, we seek to bring to the academic environment the pleasures of dance and song children in

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pós-Doutora pela Universidade de Buenos Aires, Argentina.

discussions of the Imaginary, since *"the Imaginary is a network ethereal and shifting values and feelings shared concrete or virtually."* (Silva, 2006, p. 9). So every Ciranda are discussed themes that pervade the academic issues and find no place in the classroom, as well as socializing with theoretical research of the Imaginary.

KEYWORDS: Imaginary, teacher training, imaginary significations.

Este texto tem por objetivo apresentar e compartilhar as experiências de um projeto de extensão. Com uma linguagem simples, traz um olhar sobre as questões abordadas, bem como da própria teoria que fundamenta o trabalho, o Imaginário.

Cirandas do Imaginário é um projeto de extensão, com início em 2009, organizado pelo GEPEIS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social, constituído institucionalmente em 1993, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Na intenção de propor a abordagem de temas que, comumente, não perpassam pelas salas de aula é que surge essa proposta de trabalho, ancorada no Imaginário, que é viabilizador de outro olhar, singular, com outras questões e respostas para essas temáticas.

Esse projeto se configura por ser uma ação extensionista, no sentido de propor um processo e espaço de formação cultural, tendo como território de referência a educação, socializando estudos ancorados em teorias do Imaginário com os demais professores, alunos, funcionários do Centro de Educação, de outros Centros da Universidade Federal de Santa Maria, assim como da comunidade externa.

Entendemos a importância de buscar espaços para nosso campo teórico, comumente desprezado pela academia e não tido como ciência, concordando com Barbier:

De qualquer maneira após Descartes, os filósofos vão julgar severamente a imaginação enquanto faculdade, modo de exercício de pensamento, a imagem que daí resulta é geralmente o imaginário; tanto mais enganador quanto mais pode se dar por real e verdadeiro. Nunca através de uma passagem pelo imaginário poderíamos aprender alguma coisa. (Barbier, 1994, p. 16)

Os propósitos de nos firmarmos como produtores de conhecimento e estender a outras pessoas os estudos realizados há vinte anos pelo GEPEIS têm como proposta a interlocução ampliada com outros pesquisadores, como, também, sair do âmbito acadêmico, envolver a comunidade em geral e aproximar a universidade da sociedade.

Como formato para os encontros e discussões, escolhemos a Ciranda, formando um círculo, onde todos os participantes possam interagir, modo que se opõe ao clássico da academia. É neste clima de roda que os imaginários são aguçados e se dão as trocas, envolvendo todos os participantes em torno do tema escolhido.

Os assuntos a serem abordados nas discussões surgem nas salas de aula, são segredos que ficam (des) velados nos imaginários e não encontram lugar para se expandirem com qualidade; são tratados nos corredores, nas rodinhas de amigos, mas nunca na academia, em lugar de destaque. Ainda assim, não saem dos imaginários e da curiosidade

das pessoas, e estas, quando encontram uma oportunidade para discuti-los ou somente refletir sobre eles, brindam as Cirandas com suas inquietações.

As “Cirandas do Imaginário”, portanto, incentivam discussões a partir de temas para reflexão e “imaginação”. O objetivo, também, é colocar esses diversos temas em rodas de conversas, ensinando a participação das pessoas e da comunidade, mostrando que são possíveis outras formas de aprender, de configurar estratégias pedagógicas e de produzir outros pensamentos sobre os diferentes temas. Como nos apontam autores:

São formas de expressão que nos remetem ao campo do dizível e do indizível, do óbvio e do mistério, do visível e do invisível, dos sonhos e dos desejos, do conhecimento e da ação. Aprender seus sentidos significa percorrer caminhos sinuosos, na busca de “decifração” daquilo que se mostra/ocultando. Pode-se dizer que o Imaginário Social não se institui, enquanto objeto de conhecimento, de tal forma que possamos identificá-lo por procedimentos imediatos. Investigá-lo significa adentrar pelas vias das linguagens, admiti-lo como algo que se institui/instituindo sentido à vida humana. (Ferreira e Eizirik 1994, p. 9)

Nesse sentido, essas outras formas de expressão necessitam, também, outros espaços para serem discutidas, espaços que proporcionem alcançar os sonhos, os desejos, os sentidos e, também, produzir conhecimento, instituindo outras maneiras de fazer, ser, sentir, conhecer.

As Cirandas são organizadas por todos os integrantes do grupo que têm disponibilidade. É importante, pois, ressaltar que este trabalho se configura por um olhar, o de seu autor, partindo de seu imaginário em relação às temáticas, ao evento em si e a tudo que perpassa pela organização, e que, se fosse pensado e escrito por outros, seriam diferentes olhares e imaginários. Corroborando o que Silva traz, destacamos:

No imaginário, nunca há verdade, pois nele tudo é invenção, narrativa, seleção, bricolagem, modo de ser no mundo. No imaginário, em consequência, não há verdadeiro nem falso. Como num romance, todos os enredos são possíveis e legítimos. (Silva, 2006, p.50)

Então, nesse caso, fica o olhar de quem participou ativamente em todos os momentos, e que registra, nesse trabalho, os vários fazeres, maneiras de ser, conhecimentos, curiosidades e sentidos que povoaram os imaginários de quem passou e de quem os registra.

Como giram as rodas...

Os encontros vão muito além da simples discussão das temáticas a que se propõem; as Cirandas são compostas por vídeos, documentários feitos pelo GEPEIS, música ao vivo, intervenções teatrais, instalações artísticas, conversas, opiniões, risos e amizades.

Elaboramos a Ciranda pensando num espaço que possibilite (re) significações, pois *“o sentido do que aparece não está no sujeito que conhece nem na coisa conhecida,*

mas nos efeitos de sentidos que vão se constituindo no processo de conhecimento" (Teves, 1992, p. 15). Além disso, contamos com o apoio dos meios de comunicação locais, onde divulgamos os encontros com seus respectivos temas, para que a comunidade se envolva com as temáticas e participe das discussões.

A organização da Ciranda inicia nas reuniões semanais do grupo de pesquisa, onde escolhemos temas, escolha esta que leva um bom tempo para se chegar a um consenso, pois se tratando de grupo, é preciso ouvir todos e chegar a um acordo. Também pensamos em possibilidades de convidados e atividades, para, depois, nos articularmos em comissões, de modo a dividir as tarefas entre os integrantes do grupo da melhor forma possível.

A primeira ocorreu no dia 21 de outubro de 2009, no Auditório do Centro de Educação da UFSM. A temática desse dia foi "Rock and Roll – vivências em gerações". Contamos com a presença de professores, músicos, alunos e funcionários da Universidade para compor a Ciranda. Além da socialização de conhecimentos acerca desse movimento cultural, realizamos a incursão e a problematização de saberes pessoais e profissionais das gerações envolvidas. Foram várias sensações compartilhadas, indo ao encontro de Ferreira e Eizirik, quando dizem que:

Como bem diz Bachelard (1972), o imaginário é um dinamismo próprio que possibilita a organização cognitiva do mundo. A inventividade, o projetar um real possível, a construção de uma utopia não derivam simplesmente da constatação direta e imediata do homem com o mundo que o cerca; demanda decolar do existente, produzindo um novo, enquanto negação/afirmação de um real possível, embora ainda quimérico – a função fabuladora do sonho acordado na produção da ficção e da ciência, da arte e da magia (Ferreira E Eizirik, 1994, p.9).

As trocas que ocorreram nesse meio foram em vários sentidos, pois possibilitaram aos mais jovens ouvir os mais experientes e, ao mesmo tempo, os experientes aprenderem algo novo com os mais jovens, fazendo desse ambiente um espaço/lugar único para todos.

Nas Cirandas do Imaginário, as experimentações são várias, mas a participação do público é que garante a inquietação cultural. Em novembro, o tema foi "Você tem fome de quê?" O objetivo foi pensar o alimento como um ato simbólico e cultural, além de envolver reflexões sobre a sociedade e o consumo. Corroborando a idéia de Castoriadis:

Tudo o que nos apresenta no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre, não diretamente) símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. (Castoriadis, 1982, p.142).

Nesse sentido, problematizar atos individuais e coletivos em torno do consumo,

seja ele representado por alimento ou por materiais, possibilita a reflexão da temática por todos os envolvidos na Ciranda e as aprendizagens são diversas.

Nesse encontro, convidamos para a roda professoras do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, que estiveram, junto com o GEPEIS, animando nossa Ciranda e levantando questionamentos sobre a temática.

Foram apresentados vídeos que abordavam o consumismo e a valorização excessiva do corpo, falas sobre alimentação e cultura. Além de música ao vivo, apresentação de um projeto sobre Educação Nutricional, intervenções teatrais, instalações artísticas, debates entre os presentes sobre os diversos assuntos postos na roda, foi exibido um documentário produzido pelo GEPEIS na Universidade e nas ruas de Santa Maria.

A última Ciranda do ano de 2009 ocorreu no dia 18 de dezembro, com o tema “Imaginário no Poder”, em um encontro entre dois grupos que compartilham os estudos do Imaginário – GEPEIS/GEPIEM. Este é um grupo da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela Prof^a. Lúcia Peres, e que tem como vice-líder a coordenadora do GEPEIS, a Prof^a Valeska Fortes de Oliveira, particularidade que tornou os dois grupos muito próximos, com variadas trocas positivas na temática do Imaginário. Sobre os grupos, suas coordenadoras escrevem que:

Juntas podemos dizer que o movimento instituinte de um espaço/lugar do Imaginário nos dois grupos tem sido “dar abrigo” para os nossos pensamentos arriscados e ao mesmo tempo qualificar um campo de estudos que defendem o *vigor* aliado ao *rígor* (Peres; Oliveira, 2009, p.460).

Além dos dois grupos, a comunidade acadêmica também integrou a Ciranda. Através de uma instalação artística, os participantes eram sensibilizados desde sua chegada ao local do evento. Uma intervenção *clown* também enriqueceu o momento, envolvendo todos os presentes para que pintassem o rosto, dançassem em roda e assistissem aos documentários feitos nas ruas de Pelotas e de Santa Maria.

Os documentários, produzidos pelos respectivos grupos, eram as respostas das pessoas à questão: “O que é Imaginário?”. Os vídeos traziam representações sobre o tema que estava na roda e, a partir dela, a discussão sobre Imaginário tomou conta do resto da tarde.

Finalizando, a artista plástica Paula Coelho apresentou um vídeo produzido por ela sobre feminicídio, buscando relacionar a violência contra a mulher ao Imaginário Social (Castoriadis, 1982). Apoiando-nos em Silva:

Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (Silva, 2006, p. 12).

Ancorados nos produtos dos vídeos apresentados e nas palavras de Silva, que inspiraram um dos vídeos, o conceito de Imaginário impregnou as discussões e se configurou, quase que para todos que ali estavam, como força e motor.

No decorrer do ano de 2010, demos seguimento a esse projeto e foram desenvolvidos dois encontros, com a participação de acadêmicos de diversos cursos, professores e também convidados especiais.

A Ciranda que deu abertura a esse evento, nesse ano, ocorreu no dia 24 de junho, às 18 horas, no prédio do Anexo do Centro de Educação. Intitulada “Diferenças em gerações e/ou gerações diferentes?”, essa Ciranda trouxe para a roda de discussão a problematização acerca das diferenças na sociedade atual, bem como proporcionou a realização de um resgate das histórias e peculiaridades das gerações de 1970 até 2010.

Para instigar a comunidade acadêmica, nas semanas que antecederam nossa Ciranda, foram distribuídos pelo Centro de Educação objetos diversos, mensagens e cartazes sobre épocas passadas, com o intuito de ir preparando o público e despertando o interesse sobre as questões de gerações e as diferenças de hábitos, valores, gostos, vontades, enfim, o que mobiliza cada época.

Além da preparação do ambiente, para ir envolvendo toda a comunidade acadêmica no tema proposto, foi, também, organizado, para o dia da Ciranda, um túnel do tempo, no qual constavam materiais como discos, fotografias e objetos daquela época. As pessoas que fossem participar da Ciranda deveriam passar por esse túnel, para que seu envolvimento com o tema das gerações fosse ainda maior.

O resultado foi muito empolgante devido à grande participação de alunos de diversos cursos da Universidade, de colégios da cidade de Santa Maria, professores universitários que, partindo das sensações que tiveram durante a passagem pelo túnel e, também, motivadas pelas músicas postas no ambiente e pelos documentários assistidos, trouxeram para o centro da roda discussões sobre valores, gostos, estilos de diferentes épocas, aproximando gerações e trazendo a possibilidade de escuta e trocas entre os participantes.

As discussões foram permeadas por pontos de vista de jovens que defendiam suas maneiras de ser e estar no mundo, seus estilos de vestir, seus gostos musicais, como entendem os valores, muitas vezes não compreendidos pelos mais velhos. Eles também ouviram os mais velhos, cada grupo com suas peculiaridades, geralmente as de sua época, do que resultou uma troca intensa. Indo ao encontro de Silva:

O imaginário é, ao mesmo tempo, uma fonte racional e não-racional de impulsos para a ação. O imaginário social instala-se por contágio. Uma geração inteira sonhou o sonho dos Beatles tornado planetário pela indústria cultural. Mesmo assim, esse sonho pôde ser disseminado como sendo uma contestação aos valores então vigentes. Milhões de jovens incorporaram essa ideia, suportando as suas contradições, e deram-lhe ora uma marca própria (identificação/apropriação/distorção) ora uma ampliação (aceitação/disseminação/imitação) (Silva, 2006, p.13).

Ainda que partindo de pontos de vista diferentes, traziam algo em comum, pois

mesmo sendo de gerações diferentes, sempre têm um ponto que os une. O próprio Imaginário possibilita isso, permitindo que se reconheça no outro o “eu”, formando uma atmosfera de igualdade, mesmo que por algum tempo.

A segunda Ciranda, ocorrida em 24 de setembro desse ano, esteve integrada ao primeiro evento: “Ouvindo Coisas: instituindo outras formas de estar juntos”. Também essa foi organizada pelo Grupo GEPEIS e trouxe uma inovadora proposta aos eventos acadêmicos.

A Ciranda “E você? Ouviu o quê?”, no seu o fechamento, possibilitou aos participantes um espaço para que relatassem suas impressões, bem como socializassem o que foi trabalhado nas rodas de discussões.

A Ciranda contou, ainda, com a presença do Grupo de Percussão CUICA (Cultura, Inclusão, Cidadania e Arte). O Sr. Edu Pacheco, também desta cidade, apresentou o “Tambor pensante”, com o que realizou o encerramento brilhante da noite, unindo ainda mais o grupo e estreitando os laços que foram amarrados desde o início do Primeiro Encontro “Ouvindo Coisas: instituindo outras formas de estar juntos”.

O sucesso dessa Ciranda deu seguimento à busca da concretização dos objetivos esperados pelo Encontro Ouvindo Coisas, que pretendiam transmutar o formato clássico dos eventos para a contemporaneidade, oferecendo aos participantes experiências sensíveis a partir do vivido, nas questões ligadas ao imaginário e à dimensão do coletivo nos diferentes espaços e formações sociais.

Assim, pelo imaginário, tornamos possível abordar sociedade, cultura, educação e saúde, sendo estes os temas que foram propostos para as rodas de discussão, na qual se encontravam os trabalhos dos participantes.

A Ciranda, nesse cenário, veio com o intuito de aproximar ainda mais os participantes do evento. Para alcançar esse desiderato, foi previsto um espaço para que expusessem, de maneira livre, uma síntese do que haviam trabalhado nas salas, bem como pudessem experimentar outros possíveis modos singulares de formação no espaço da universidade.

Continuando no ano seguinte, a primeira Ciranda foi organizada pelo GEPEIS, a pedido da coordenação do Centro de Educação, para a Calourada 2011. Com o título “Universidade, que espaço é esse?”, foi discutido a respeito do imaginário dos estudantes que chegavam à Universidade e o que esperavam dela.

Essa Ciranda, especificamente, precisou ser organizada de maneira diferente das demais. Destinada aos calouros de três cursos diferentes, Pedagogia, Educação Especial e Formação de Professores Formadores, sendo estes todos do Centro de Educação, tivemos de direcionar as discussões para cada público separadamente.

Como o curso de Educação Especial é pela parte da manhã, organizamos, na sala de aula, a recepção aos calouros e, na parte da tarde, para os alunos do curso de Pedagogia. Já a turma do curso de Formação de Professores Formadores foi recebida no outro dia, de manhã, no auditório do Centro de Educação, pois eram muitas pessoas e não teria espaço suficiente em sala de aula.

A dinâmica dessa Ciranda começou com todos assistindo a um documentário, feito por integrantes do GEPEIS, no campus da Universidade, focando os espaços de

maior circulação de alunos, com situações que a maioria iria experimentar durante a graduação, como a espera dos ônibus, a lotação destes, as filas do RU, da compra de passagens, entre outras.

Buscamos perceber e problematizar os diferentes imaginários que os alunos que chegam à Universidade têm em relação a ela. Depois dessa primeira abordagem, focamos nas dúvidas, angústias e curiosidades dos alunos a respeito de cada curso.

Problematizamos, também, a respeito de, o agora acadêmico, estar em um curso universitário, ressaltando a diferença existente entre o nível superior e a escola básica, bem como o tripé de sustentação da universidade, que é o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, salientando a importância de cada um deles para o desenvolvimento local e regional, como, também, para cada aluno que se envolve com todos esses aspectos, não se limitando apenas ao ensino.

Como os cursos em questão são licenciaturas, não podíamos deixar de reforçar a ideia de formação num sentido amplo, concordando com Losada, quando traz:

Como se fosse uma espécie de caleidoscópio, Castoriadis consegue mudar de perspectiva para ver as questões por vários ângulos, num diálogo permanente com as tradições filosófica, científica e política do Ocidente. Com a mesma facilidade, fala da Teoria dos Conjuntos, da Física Quântica, da Filosofia, da Psicanálise ou das Ciências Sociais ou Políticas. Essa maneira de reorganizar o pensamento corresponde ao que vem sendo denominado de “um olhar multireferencial” ou transdisciplinaridade (Losada, 2006, p.36).

Então, o Imaginário nos permite transitar por diversos saberes, que se organizam de forma circular, de espiral, fazendo com que eles se distingam, se entrelacem, mas não se dissociem, combatendo a fragmentação, tão presente na Educação atualmente.

Na turma de Formação de Professores Formadores, a dinâmica precisou ser diferenciada, pois esse curso abriga profissionais de diversas áreas que já possuem graduação e que buscam formação para a docência. Para eles, foram problematizadas questões gerais sobre educação, o exercício da docência, com a contribuição efetiva de todos os participantes, que puderam expressar os imaginários que povoam suas mentes a respeito do tema.

A formação inicial desses alunos é em diversas áreas, como Veterinária, Agronomia, Direito, enfim, profissionais que buscam capacitação para a docência. Participando ativamente da Ciranda, trouxeram suas posições em relação aos temas abordados, demonstrando, nas suas falas, que muitos conceitos sobre formação de professores ainda precisam ser (re) pensados e (res) significados para o exercício da profissão professor.

Nos diálogos, surgiu a docência como dom, como doação, como transmissão de conhecimento, enfim, vários termos que precisaram e precisam ser mais bem problematizados. Aproveitamos esse espaço para iniciar essa discussão trazendo a ideia de que é a Universidade o lugar de reflexão sobre nossas posições acerca de vários conceitos. Concordamos com Henriques, quando ela afirma:

Considerar estes aspectos importantes para a questão da significação e da formação de conhecimentos do professor remete aos estudos referentes

ao Imaginário Social com seu sistema simbólico de produção de sentidos, que, ao circularem na sociedade, favorecem a fabulação de crenças, as ritualizações, a regulação de comportamentos, de identificações, de distribuições de papéis sociais (Henriques, 2006, p.60).

Assim, o Imaginário está presente, permeando todos os momentos das manifestações verbais e até mesmo os silêncios, pois muitas coisas não ditas podem ser sentidas e refletidas.

Esse é o projeto que sustenta o trabalho, permeado pelos imaginários de quem dele fez parte. Mesmo sendo criado e desenvolvido no Centro de Educação, com alicerces na Educação, ele é destinado e frequentado por pessoas de todas as áreas do conhecimento, pois os temas abordados são tão diversos que perpassam por todos que, independente do curso que fazem, ou do lugar que ocupam, são impulsionados pelo desejo de conhecer.

O próprio grupo de pesquisa que organiza o projeto é diverso, com pessoas de diferentes áreas, o que reforça a necessidade de se promover discussões das mais variadas. Neste mesmo sentido, a base teórica do grupo é o Imaginário Social de Cornelius Castoriadis, mas não fica somente com esse autor, utilizando também outros como Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Gaston Bachelard, entre outros.

As rodas continuarão...

A participação nas Cirandas vem sendo ativa pelo público recebido. Os temas são muitos e permitem que todos se envolvam em discussões diferenciadas dentro do espaço acadêmico, propiciadas pelas intervenções, instalações, vídeos e demais atividades que enriquecem os debates e já se configuraram como uma das características do evento.

As temáticas surgem das discussões no Grupo, e, quando entram na roda, criam vida própria. Têm início pelas mãos do GEPEIS, mas somos nós que acabamos nas mãos delas.

Os organizadores das Cirandas do Imaginário têm o privilégio de ver esse projeto de extensão crescendo e promovendo para os participantes as mais variadas vivências formativas, carregadas de significações imaginárias, dotadas de sentidos e de aprendizagens singulares, instituindo, no espaço acadêmico, novas formas de pensar as produções no âmbito da universidade. Autores nos apontam que:

O papel das significações imaginárias é tentar dar uma resposta a algumas perguntas fundamentais que toda sociedade se faz: quem somos nós como coletividade? Que somos nós uns para os outros? Onde e em que somos nós? Que queremos, que desejamos, o que nos falta? (Castoriadis, 1991, p. 177). Pelas respostas a essas perguntas, a sociedade se constitui, o mundo adquire sentido e não se torna um caos indiferenciado (Henriques, 2006, p.69).

Como este texto se configura como o “olhar” de quem o escreve, além de contar um pouco do que aconteceu em cada Ciranda, trazemos algumas sensações ainda mais

personais, indo ao encontro da própria teoria, que defende que os imaginários são construções.

Tratando-se de Educação e também de Formação, participar da organização e realização de um evento dessa plenitude vem se configurando como um momento único nas vidas dessas pessoas. Ter a oportunidade de “olhar” para muitas questões sob outro ângulo é o diferencial que o projeto possibilita.

Durante toda a organização de cada evento, somos envolvidos por uma energia muito forte, por uma força que nos impulsiona a buscar, cada vez mais, outras maneiras de trabalhar cada tema abordado, no sentido não tradicional, comumente visto nas salas de aula.

Tornamo-nos pesquisadores, pois primeiro buscamos entender para depois discutir. As trocas entre os colegas das diversas áreas que compõem o grupo também se tornam muito ricas, pois cada um, com sua formação inicial, tem contribuição a dar.

Nos dias das Cirandas, experimentamos várias sensações. São gestos, gostos, cores, sabores, olhares, nunca antes percebidos, mas que, agora, são evidenciados. Poder compartilhar esses momentos é visualizar o próprio Imaginário, ou seja, a teoria tomando forma diante de nós. E nada melhor que o Imaginário para entendermos algumas práticas, como nos traz mais um autor:

O papel do Imaginário na vida cotidiana sublinha como a experiência vivida, o labirinto das relações afetivas e o movimento tumultuoso das paixões se concretizam em um cenário coletivo, simultaneamente banal e trágico no qual a mitologia (os heróis, os mártires, as vítimas sacrificiais, os ídolos do esporte ou da canção, os *faits divers* extraordinários ou as superstições domésticas) habita as formas sociais (Tacussel, 1995). A literatura e a criação artística, geralmente, prefiguram os comportamentos e os valores que estão em processo de se generalizarem. É nesse caso que o Imaginário costura o real, multiplica-o em sub-universos corroborados pela significação. (Legros, 2007, p.100).

Nesses momentos, variadas aprendizagens que não temos nos cursos fazem-se possíveis, vários conceitos são (res) significados e ainda novos são aprendidos, tornando esse espaço um lugar de múltiplas oportunidades.

Ainda assim, convém registrar que, sendo o Imaginário difícil de ser quantificado e entendido, não são todos que conseguem apreender suas características. Mas isso só torna tudo mais envolvente e mágico: para isso, devemos estar abertos para conhecer, ouvir, entender, por outras vias, que não somente aquelas comumente usadas pelas ciências até agora.

Então, precisamos aguçar nossos sentidos e nos deixar levar pelo clima de descobertas, onde a criação imaginária e a capacidade inventiva tomam conta de nós, mostrando-nos que é possível outro caminho, outra direção.

Mesmo indo por outros rumos, não deixamos de lado o rigor nos nossos trabalhos, nas produções, pois o Imaginário é uma fonte do racional e do não racional, que, juntos, coabitam o mesmo espaço, um não excluindo o outro.

Sendo assim, nossos eventos se configuram como um espaço privilegiado da extensão, permitindo a muitas pessoas, até mesmo as de fora da Universidade, da sociedade, das escolas básicas, partilharem momentos de construção do conhecimento, reafirmando o compromisso que a Universidade tem com a sociedade.

Ancorados no Imaginário, estamos desenvolvendo um projeto inovador, em que as pessoas que dele participam demonstram satisfação pelo que vivenciam e interesse em participar dos próximos encontros, o que nos deixa muito satisfeitos e com a certeza de estarmos fazendo um bom trabalho.

Dessa forma, é criada uma atmosfera de afetividade, cumplicidade, que emana dos membros da organização para os participantes, e destes retorna enriquecida, envolvendo a todos num clima de pertença e de trocas mútuas.

Com essas constatações e vivências, desconstrói-se a ideia de que é somente na universidade que temos o saber, pois todos os participantes têm algo a ensinar, até mesmo aqueles que não estão na academia, em curso superior ou na escola básica. Também os que vivem simplesmente têm algo a acrescentar, pois a vida cotidiana está impregnada de imaginários e saberes práticos.

Enfim, estar envolvido nesse espaço nos proporciona fazer parte de um reservatório (Silva, 2006), onde sentimentos, modos de ser e estar no mundo e de sentir são apreendidos através de um mecanismo individual/grupal. Somos afetados pelos outros de maneiras diferentes, assim como os afetamos também, numa teia de construção de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

Nossa característica de grupo já está consolidada, como sendo composto de pessoas de diversas áreas, o que facilita a abordagem de vários temas. Com esses eventos, ficam também consolidadas nossas formas de trabalho, apostando no novo e no inusitado, aliados ao já existente.

Assim, nos propomos a continuar com esse movimento inovador, pensando construir, a cada Ciranda, uma forma própria de discutir as mais variadas temáticas, pois o espaço acadêmico se configura como um lugar em que ficam muitas coisas não ditas, não compartilhadas e não experimentadas.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO, André. **Crise dos paradigmas**: inter-transdisciplinaridade. In: RAYS, Oswaldo Alonso. Educação: ensaios reflexivos. Santa Maria: Pallotti, 2002.
- BARBIER, René. **Sobre o Imaginário**. In: Em Aberto. Brasília, ano 14, n.61, p.14-23, jan/mar. 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DICIONÁRIO DIGITAL **Michaelis**: Rio de Janeiro [2008]. Cd-rom
- DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FERREIRA, Nilda Teves; EIZIRIK, Maria Faermann. **Educação e Imaginário Social: revendo a escola**. In: Em Aberto. Brasília, ano 14, n.61, p.5-14, jan/mar. 1994.
- HENRIQUES, Eda Maria. **O Imaginário e a Formação do Professor: Contribuições sobre o processo de significação**. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. Imaginário e

- educação: reflexões teóricas e aplicações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LOSADA, Manuel R. **O Imaginário Radical de Castoriadis: Seus pressupostos**. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. **Imaginário e educação: reflexões teóricas e aplicações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- PERES, Lúcia Maria Vaz; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Dois grupos de pesquisa... falas convergentes... Imaginários que se aproximam**. In: Revista do Centro de Educação. Vol.34, n.3, 2009.
- SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- TEVES, Nilda. **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.
- WERNECK, V. R. O conhecimento do valor na construção do sujeito. In GRANATO, T. A.C. **A educação em Questão: novos caminhos para antigos problemas**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 95-108.

Recebido em 04/11/2013

Aprovado para publicação em 10/12/2013